

## OS ESTUDOS DA GEOGRAFIA CULTURAL NO BRASIL: AS REFLEXÕES PRETÉRITAS, O PRESENTE CONTÍNUO E SUAS PERSPECTIVAS FUTURAS

*The studies of Cultural Geography in Brazil: past reflections, the continuous present and its future perspectives*

Zeny Rosendahl<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo se propõe a um resgate da memória e da história do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultural – NEPEC/UERJ. O núcleo é parte integrante do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É reconhecido internacionalmente junto com o periódico “Espaço e Cultura” como um dos principais difusores dos estudos da Geografia Cultural pós-1980 na América Latina. O ver e sentir o mundo em suas diferentes esferas culturais permitiu à geografia brasileira um expressivo número de trabalhos e pesquisas no âmbito da cultura. Visando aprofundar essas ações aqui apresentadas, o artigo destacará três importantes contribuições do NEPEC para a geografia brasileira: a) seu pioneirismo no desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre a religião no espaço; b) seu papel de centro de divulgação da geografia internacional e; c) seu lugar de difusão da geografia cultural nacional.

**Palavras-chave:** Geografia Cultural. Geografia da Religião. Memória. NEPEC.

### ABSTRACT

This article proposes to rescue the memory and history of the Nucleus of Studies and Research on Space and Culture – NEPEC/UERJ. The nucleus is an integral part of the Institute of Geography of the State University of Rio de Janeiro. It is internationally recognized together with the journal “Espaço e Cultura” as one of the main disseminators of post-1980 Cultural Geography studies in Latin America. The seeing and feeling of the world in its different cultural spheres has allowed the Brazilian geography a significant number of works and researches in the field of culture. Aiming to deepen these actions presented here, the article will highlight three important contributions of NEPEC to the Brazilian geography: a) its pioneering role in the development of studies and research on religion in space; b) its role as a center for the dissemination of international geography; and c) its place for the dissemination of national cultural geography.

**Keywords:** Cultural Geography. Geography of Religion. Memory. NEPEC.

<sup>1</sup> Professor Pesquisador Visitante no Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGeo/UERJ. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. zeny.rosendahl@gmail.com.  
✉ Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ. 20550-013.

Ando devagar, porque já tive pressa, e  
Levo este sorriso, porque já chorei demais,  
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe,  
Só levo a certeza, de que muito pouco eu sei,

Ou nada eu sei,  
Conhecer as manhas e as manhãs,  
O sabor das massas e das maçãs,  
É preciso amor pra poder pulsar,  
É preciso paz pra poder sorrir,  
É preciso a chuva para florir,

Penso que cumprir a vida, seja simplesmente,  
Compreender a marcha, e ir tocando em frente [...]  
Todo mundo ama um dia, todo mundo chora,  
Um dia a gente chega, no outro vai embora,  
Cada um de nós compõe a sua história, cada ser  
em si, carrega o dom de ser capaz, de ser feliz!

A letra da música “Tocando em frente”, de Almir Sater e Renato Teixeira fornece o cenário do dia a dia. Do sentido de ir andando em suas ações, já priorizadas e seguras de sua importância para aquele que fez a escolha da caminhada. A poesia fala de compreender essa marcha escolhida, é de certa maneira, a seleção de como você carrega sua filosofia de vida. A história de vida que o NEPEC carrega possui um caminhar de “tocando em frente” com raízes na instituição universitária, no pensar social da importância dos estudos para a sociedade, e na caminhada do NEPEC, sem dúvida, em prosa e verso ao fazer ciência.

Ao compor a memória do núcleo, e ressaltar a contribuição do NEPEC na geografia na UERJ, iremos enfatizar a difusão da geografia cultural. Denominamos o núcleo como **o lugar onde se pensam as ideias e se escrevem sobre elas**. Este lugar vem fazendo a história da geografia cultural no Brasil, desde 1993, ano de sua criação, e como tal vem impregnado de emoções variadas e conflitantes nestes 26 anos

onde se consolidou como receptáculo das ideias. Tais ideias estão contidas em dois caminhos principais, ao longo dos quais as pesquisas em geografia cultural foram ampliadas. Ambos se distinguem entre si, sobretudo pela gênese e pela repercussão de cada um dos caminhos; e pelo conceito de cultura adotado. **Geografia cultural Saueriana** ou **Escola de Berkeley** e **Nova Geografia Cultural** ou **Geografia Cultural Pós-80** designam os dois caminhos do nosso “tocando em frente” pensando as ideias e escrevendo sobre elas no NEPEC.

Dois perguntas se destacam neste momento de celebração de 26 anos do NEPEC, já fortalecido na ciência geográfica brasileira. Como a localização do NEPEC, na UERJ, influenciou na visibilidade da geografia cultural? E quais as principais ideias sustentadas pelo grupo inicial de pesquisadores?

Queremos responder, neste artigo, como a posição das pessoas, dos objetos, das coisas dentro daquilo que chamamos de “trama locacional consistem em um elemento central, no exame do fenômeno da visibilidade” (GOMES, 2013, p.36) levando-se em consideração as “lições da historiografia da ciência” (BERDOULAY, 2003). O geógrafo Vincent Berdoulay enfatiza a importância de se considerar o desenvolvimento contínuo da ciência, pela acumulação de fatos, de descobertas, e de conhecimento científico. Em comunhão com estas ideias iremos privilegiar “o contexto histórico e as ambiências intelectuais na evolução” (BERDOULAY, 2003, p. 47) da geografia cultural no Brasil.

Ao recordar os acontecimentos do passado recente, num relato de 26 anos de NEPEC estamos privilegiando a memória particular do autor, que lhe escreve, mas também a memória-história dos grupos envolvidos na narrativa. Trata-se de lembranças que carrego em mim, mas sempre interagido com o grupo social, com a instituição e com a sociedade. Foi neste contexto temporal que as relações ocorreram (HALBWACHS, 1950).

O conceito de memória e memória-história tem o aspecto fundamental de compreensão em sua relação com o lugar. *Lieu de mémoire*, conceito criado por Pierre Nora (1984) ao valorizar o espaço e o tempo do acontecido, será utilizado neste texto. Lugar e vida são os elementos que compõem a memória. A identidade de distinção e de pertencimento de um grupo com a instituição acadêmica a qual pertence numa constante descoberta dos fenômenos que envolvem a memória-história. Ampliando as ideias o NEPEC possui as qualidades ressaltadas por Nora (1984), possui um lugar fixo, um valor simbólico forte, uma prática de ritos acadêmicos e uma função definida. Sendo assim, o recordar será a memória da história dos acontecimentos, dos fatos envolvendo, às vezes, antes de 1993.

Ao tecer alguns comentários sobre a história do NEPEC desejamos retratar não só as atividades acadêmicas do núcleo, mas também a sua criação no Departamento de Geografia, tempo e lugar que ocupa na UERJ. A finalidade é iniciar a memória do NEPEC na importância da informação do pretérito, ao lembrar o que aconteceu antes e das decisões no presente como forma de registro da memória individual. A valorização da informação, segundo o pensar de Le Goff (1990), qualifica o registro do acontecido e permite a conservação para o tempo futuro. A comemoração dos 26 anos merece tal documento.

Tratar sobre memória exige o relato de fatos históricos compartilhados com o grupo, de abordagens psicológicas e do ponto de vista do informante. A expressão **ponto de vista** é proposta por Paulo Cesar da Costa Gomes em um “sentido mais concreto para designar lugares” (GOMES, 2003, p. 19), e será com este sentido que daremos nossa opinião. Vamos além, pois, eu estando numa posição interna privilegiada vejo referências que não veria se estivesse em posição externa ao NEPEC. No desejo de compartilhar a memória-história do núcleo neste artigo, e no fôlego de rememorar os fatos, estarei, sem dúvida, revelando quem somos.

Nasci no final da 2ª Grande Guerra, no início da primavera no Brasil. Sou filha de imigrantes da Dinamarca – Bjorn Sylvester Rosendahl – e de Portugal – Maria Rosendahl. Como estudante brasileira, represento o **resultado da Reforma Capanema na Educação**, com a vida social dos **anos dourados**, já no seu final da década de 50, ou melhor, os “anos dourados” no Instituto de Educação, na cidade do Rio de Janeiro.

Na segunda metade dos anos 60, teve início a minha vida universitária, na Graduação em Geografia. O curso estava vinculado a então UEG – Universidade do Estado da Guanabara. Este início ocorreu no prédio localizado na Rua Haddock Lobo, vizinho, hoje, ao Colégio Bradesco, no bairro da Tijuca. Em seguida, o Curso de Geografia foi transferido de lugar, para o prédio na Rua Fonseca Telles, no Bairro de São Cristóvão. No ano de conclusão do curso universitário, em 1970, nova mudança de lugar ocorreu, fomos inaugurar o único prédio construído no Campus do Maracanã. Este prédio é o Haroldo Lisboa da Cunha. Hoje é ele conhecido, na comunicação do dia a dia na UERJ, como o prédio do Haroldinho, apelido aceito em relação à altura do prédio, que é inferior em comparação aos Prédios do Pavilhão João Lira.

Desse tempo, são as aulas e orientações do Professor Maurício Silva Santos, na ocasião ganhei dele um livro de presente “*Rencontres de la géographie et de la sociologie*”, de Max Sorre (1957). Não saberia explicar o principal motivo de tê-lo recebido, apenas reconheço que os estudos de Sorre inscrevem-se nos que dominam o final da primeira metade do século XX. O apaixonante da leitura de Sorre era sua abordagem das atividades religiosas, ideias contidas em seu livro. Ele indica dois caminhos de análise: a interpretação como atividade de antecedência e como atividade de consequência.

Na primeira, o fato religioso ocorre desde os primórdios da humanidade e possui influência na cultura do grupo; na segunda,

as atividades humanas religiosas se explicam como produto da ocorrência do fato religioso no espaço. O simbolismo das formas espaciais e suas práticas religiosas vivenciadas não eram considerados nas interpretações. As manifestações da consciência individual não são consideradas aqui, pois refletem as tendências, as necessidades e os interesses psicológicos, elementos que possuem significado na nova geografia cultural ou geografia cultural pós-80 (ROSENDAHL, 2013, p. 106).

Cursei a graduação, de 1967 a 1970, no regime ditatorial militar. Durante este período, tínhamos entre as atividades “subversivas” realizadas, no Centro Acadêmico localizado no Prédio do Fonseca Telles, as leituras escondidas, como por exemplo, “*Le Livre Rouge – Citations du President Mao Tse-Toung*”. Nesta época, muitos universitários atuavam em grupos religiosos, em organizações cristãs como JEC (Juventude Estudantil Católica), JUC (Juventude Universitária Católica), pelo lado das igrejas católicas, e, na vertente das igrejas protestantes, havia a União Cristã dos Estudantes do Brasil. As reuniões priorizavam as questões sócio-políticas do momento.

O meu retorno à UERJ, como professora ocorreu, em 1980, ainda no período ditatorial, porém, após a promulgação da Lei da Anistia ocorrida em 1979 no país. Ao lembrar a situação para compor o artigo, as lembranças representam um repensar as ideias de hoje com a experiência do passado, no lugar, no *lieux de mémoire*.

Essas questões que envolvem o pesquisador e a sociedade tornam-se importantes no contexto da pesquisa, são: “as ideias de geógrafos que parecem isolados, mas cujo círculo de afinidades é muito revelador [...]”, o que é “significativo para se compreender o seu pensamento geográfico não é tanto a sua falta de contato com uma comunidade de geógrafos, mas as inclinações ideológicas que os colocam em contato com não geógrafos” (BERDOULAY, 2003, p. 52).

Comungo com essa regra básica de metodologia historiográfica, bem como outra que afirma ser fundamental, **o círculo de afinidades**, que abrange mais do que uma comunidade científica. Pois, inclui as diversas indagações sobre as questões sociais em pauta no período escolhido para a nossa análise. Meu retorno à UERJ, em 1980, ocorreu no ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros, localizado no Centro de Ciências Sociais. Era um Instituto que possuía grupos de pesquisa interdisciplinar em diferentes áreas do conhecimento. O grupo de pesquisa de que eu participava concentrava seus encontros de reflexão teórica na temática da religião na sociedade, com os cientistas: Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira (Doutor em Sociologia – Université Catholique de Louvain – França); José Flavio Pessoa de Barros (Doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo); Creusa Capalbo (Doutora em Filosofia – Université Catholique de Louvain – França) e o Leonardo Boff (Doutor em Teologia e Filosofia na Universidade de Munique – Alemanha). Participar deste círculo de afinidades foi extraordinário!

As fontes do pensar geograficamente a religião foram abertas. E neste período, como em outras épocas, e por algum tempo ainda este pensar foi pouco conhecido na geografia do Brasil. À memória-história está em cada momento de nossas realizações, pode parecer um fenômeno individual, algo íntimo, porém nossas lembranças são coletivas. Memória coletiva ou social de Maurice Halbwachs (1950), na Universidade.

Neste período, a UERJ tinha a singularidade de possuir professores, em atividades de docência em EPB, de intelectuais de militância contrária ao regime ditatorial, na década de 80, como exemplo, o companheiro e historiador Emir Amed, depois eleito vereador na Câmara Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, e o intelectual Marcio Moreira Alves, destacado jornalista e economista do cenário político da

década de 80 e 90 no Brasil. Ambos os professores curso de História e na faculdade de Economia, respectivamente. Rosendahl na Geografia e na Faculdade de Física.

O título de Mestre, em 1980, foi obtido na UERJ e coincide com o início da vida profissional na Universidade. A dissertação intitulada Política Populacional ou Controle Populacional: Reflexões Demográficas para o Brasil representou a formação inicial das ideias que se sedimentaram posteriormente e resultaram nas minhas atuais convicções sobre a forte influência do poder religioso na sociedade.

As análises conclusivas apresentavam uma resistência forte e constante, por parte dos grupos étnico-religioso a qualquer implantação de práticas relacionadas às teorias da dinâmica populacional de planejamento familiar no país. A minoria, no entanto, aceitava conhecer a temática do aborto, da sexualidade, da pílula feminina, da pílula masculino principalmente. Acrescento que a conjuntura de mudança e renovação do comportamento mundial já tinha chegado ao Brasil neste período. Os estudos que eu desejava de mulher, família, paternidade responsável não encontravam diálogos fora das universidades.

O meu campo empírico para a pesquisa estava bastante prejudicado. Assim, me dediquei aos estudos dos fatores que impediam os debates nos assuntos de religião e o comportamento humano. Era necessário voltar para o plano teórico e, então, resolvi me matricular para fazer doutorado, escolhendo a USP – Universidade de São Paulo.

Em 1989, na USP, Universidade de São Paulo, eu iniciava a tese de doutorado na temática da religião. Em maio de 1994, terminei o doutorado. Defendi a tese intitulada: “Porto das Caixas: O Espaço Sagrado da Baixada Fluminense”, tendo como orientador o Prof. Heinz Dieter Heidemann.

Minha permanência na USP foi, em maior parte do período, no CERU – Centro de Estudos Rurais e Urbanos, com os professores de

Sociologia e Antropologia da Religião da USP. Este núcleo foi o lugar das trocas de ideias, das leituras e do acolhimento vivenciado por mim na estrutura **uspiana** durante os anos de 1989 a 1993. Foi o elo entre as disciplinas do saber a religião como ciência, cursadas no Departamento de Sociologia da USP, e no ISER (Instituto de Estudos da Religião – RJ) e as disciplinas do pensar geograficamente cursadas na geografia da USP (SP) e na UFRJ (RJ) com o Professor Roberto Lobato Azevedo Corrêa. Cursei, sem dúvida, um doutorado interdisciplinar e interinstitucional. Nasceu dessa influência de saber, dessas convergências de ideias, o meu compromisso de reproduzir um lugar semelhante de viver e sentir as novas reflexões, e sua localização estava decidida, tinha de ser na geografia da UERJ, e, assim foi feito.

Estas conclusões ratificaram a importância de meus estudos de **religião em geografia**, muitas vezes contraditórias, um intenso apego à materialidade e uma verdadeira ânsia do sagrado. O meu desejo foi contribuir para o preenchimento de uma enorme lacuna, tanto na bibliografia em geografia dos estudos sobre religião, como dos ensaios no campo da geografia. Ao apostar na interseção destas duas abordagens foi resgatada uma dimensão fundamental, e injustamente esquecida, a da religião como fenômeno da cultura e da sociedade – a sua dimensão espacial. Este combinado propiciou projetos que foram realizados na Geografia da UERJ.

A geografia chega ao século XXI dedicando-se cada vez mais à compreensão das dimensões política e religiosa do espaço, que podem ser analisadas segundo vários aspectos. Privilegiamos um tipo particular de hierocracia – o poder do sagrado – sobre o comportamento do homem no espaço.

O conceito de cultura, na segunda metade do século XX, coexiste com o uso antropológico, sociológico e geográfico para indicar o **modo de vida global** de determinado povo ou de grupo social. Williams (2008) reconhece a dificuldade da compreensão do termo

– cultura – e destaca duas formas principais de interpretação: “(a) ênfase no **espírito formador** de um modo de vida global, manifesto por todo o âmbito das atividades sociais, porém mais evidente em “atividades culturais” (WILLIAMS, 2008, p. 11, destaques no original); e a segunda forma, “(b) ênfase em **uma ordem social global** no seio da qual uma cultura específica, quando a estilos de arte e tipos de trabalho intelectual” (WILLIAMS, 2008, p.12, destaques no original). Neste pensar o autor diz “é considerada produto direto ou indireto de uma ordem primordialmente constituída por outras atividades sociais” (WILLIAMS, 2008, p.12).

As ciências, notadamente a sociologia da cultura, acompanham na segunda metade do século XX, as atividades desenvolvidas a partir dessas duas posições.

#### SUPERAÇÃO DE DIFICULDADES

A difusão do conhecimento e a disciplina **Geografia e Religião** realizavam-se na UERJ, antes do ano de 1994. Ao elaborarmos um novo currículo, referente a este ano, a disciplina Geografia da Religião estava incluída com intensa participação dos alunos. A barreira inicial criada por aqueles que desconheciam o novo pensar em geografia foi vencida e teve o apoio, sem dúvida, dos alunos envolvidos no novo conhecimento. O currículo implantado colocava a Geografia da UERJ na vanguarda da temática da cultura em sua abordagem espacial no Rio de Janeiro e nas demais universidades brasileiras.

O Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura foi criado em novembro de 1993. **É um local onde fluem as ideias e se escreve sobre elas** (ROSEND AHL, 2002). As condições eram favoráveis às pesquisas científicas na UERJ. Os fatores internos ao desenvolvimento da ciência geográfica, na instituição, não criaram barreiras ou limitaram este

crescimento. A instituição – UERJ – incentiva a inovação de pesquisa em diversas áreas. Desde as facilidades à especialização na docência como a abertura da iniciação à pesquisa para os discentes.

O NEPEC é um lugar pequeno, porém de função ativa como centro de produção e difusão no Brasil da geografia cultural. Suas pesquisas direcionam-se em três direções: relação entre espaço e religião; espaço e simbolismo e cultura popular. A ênfase, contudo, fixou-se na primeira das três temáticas. A preocupação foi sempre apresentar uma clara e sólida visão geográfica de suas marcas impressas no espaço. Hoje a temática firma-se ao oferecer novas trilhas para a geografia brasileira. Acrescento que nestes 26 anos estive sempre acompanhada de companheiros, colaboradores, bolsistas, alunos e amigos. Somando a coragem e a dedicação completam-se os fatores que me auxiliaram no sucesso do NEPEC. O processo de difusão do conhecimento na geografia cultural no Brasil está consolidado no pensamento. Orgulho-me de ter conduzido o NEPEC este processo. Ou melhor dizendo, tocando em frente!

O lugar de atendimento aos alunos comunga com o espaço de confecção do periódico denominado Espaço e Cultura. Criado em 1995, com dois números por ano e que vem sendo o instrumento de divulgação da produção do NEPEC e de outros geógrafos. Em seu Conselho Consultivo fazem parte, entre outros, Marvin Mikesell, Paul Claval, representando, respectivamente, da perspectiva saueriana, da denominada nova geografia cultural e da visão francesa em geografia cultural. O teólogo Leonardo Boff (Teologia da Libertação) e Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira (Sociologia da Religião) também são membros desse Conselho. Para mais detalhes, consultar Corrêa e Rosendahl (2005). Estou atualmente na revista como **Conselheiro Fundador** e o sucesso das publicações podem ser reconhecidas em sua classificação como revista B1, na avaliação Qualis da CAPES.

As principais dificuldades que foram superadas estão ligadas com a falta de infraestrutura, tanto de pessoal como de investimentos durante todos estes anos. Estas dificuldades foram vencidas com o apoio da FAPERJ e do CNPq. Os projetos enviados e aceitos pelas instituições de fomento contribuíram, e muito, na continuidade das pesquisas. Ao privilegiar a cultura e geografia nos estudos e atendendo ao rigor metodológico exigido pela ciência, optamos em estabelecer uma sólida base teórica na geografia cultural brasileira.

As reflexões não foram fáceis e as respostas seguiram trilhas nem sempre lineares. A incorporação de novos conhecimentos ocorreu com uma intensidade maior e mais abrangente durante as atividades realizadas na fase de pós-doutorado, 1997 e 1998, Institut de Géographie de l'Université Paris-Sorbonne (Paris IV).

Minha permanência na França foi fundamental para assimilar os diversos ritmos dos estudos das relações entre a geografia e a religião. A pesquisa empírica alemã e inglesa veio completar o saber já acumulado, por mim durante o pós-doutorado. O desafio continuava.

Os conceitos e as dimensões de análise da cultura em sua espacialidade deveriam ser apresentados à comunidade universitária. A publicação de livros intitulada **Coleção Geografia Cultural** tem tido uma difusão bem mais ampla que o periódico. As traduções como estratégias de difusão do conhecimento foram às trilhas percorridas pelos organizadores nas publicações e vem atingido os seus objetivos, deste o aparecimento do primeiro livro, em 1996, intitulado "Geografia e Religião: dimensões de análise", EdUERJ. São em números de 24 os livros que compõem a Coleção Geografia Cultural, da Editora EdUERJ. Os volumes já publicados contemplam de um lado, trabalhos dedicados à temática da geografia cultural, produzidos por geógrafos brasileiros, de outro, transcrições de artigos de um mesmo autor, reunidos para constituir um dos volumes da Coleção, fornecendo um

panorama sobre sua contribuição. Como exemplo, "Geografia Cultural: uma antologia", publicado em dois volumes (2012 e 2013).

O desejo de difusão das ideias ocorreu além dos livros da Coleção Geografia Cultural e do periódico "Espaço e Cultura", na realização dos sucessivos simpósios com identidades fortes no mesmo lugar, auditório 11, na UERJ, em 1998, 2000, 2002, 2004, 2006, 2008, 2010 e 2012 com temas novos e diversos que atingiram pesquisadores de várias regiões do Brasil, cada um com aproximadamente 20 artigos e participação de 120-240 pessoas.

A expansão da geografia cultural no Brasil levou a que em 2003, a Internacional Geographical Union (IGU) organizasse, por intermédio do Working Group of Cultural Approach in Geography, presidido por Paul Claval, uma Conferência Regional sobre a Dimensão Histórica da Cultura. Assim, em 2003, em dez anos de existência do NEPEC a geografia cultural estava bem no cenário nacional, pois a realização do Encontro da IGU ocorreu na cidade do Rio de Janeiro e reuniu cerca de cem artigos apresentados, dos quais sessenta de brasileiros.

Na preocupação constante de divulgação das ideias, em 2003, o NEPEC lança outra publicação – NEPECTEXTOS –, produção artesanal e destinada à difusão de suas próprias pesquisas, as quais estão fortemente focalizadas nas relações entre espaço e religião.

Hoje há vários núcleos de estudos com atividades acadêmicas em instituições universitárias que têm um programa de pós-graduação e suas produções estão comentadas em Corrêa e Rosendahl (2005). Podemos afirmar que possuem sua gênese na difusão das ideias provocadas pelo NEPEC. São núcleos que adotaram as informações em espaços acadêmicos com funções diferenciadas no que se refere aos temas e em períodos diferentes.

A vontade de informar melhor o contexto do desenvolvimento das ideias "nepequeanas" e a compreensão da história da geografia cultural

na UERJ, utilizaremos as “lições da historiografia da ciência” sugerida por Berdoulay (2003). Vincent Berdoulay apresenta as tendências mais relevantes de uma abordagem contextual, destacando inicialmente o “papel do *Zeitgeist*, considerado como determinante da maneira como cientistas e intelectuais veem e lidam com o mundo” (BERDOULAY, 2003, p. 49).

Devemos reconhecer a UERJ, como o lugar que possui diferentes e diversos cientistas, e ao falar de sua memória a prioridade é relatar as ideologias defendidas por estes intelectuais, pois eles são a Instituição. Mais importante ainda é perceber que quase todos os intelectuais envolvidos no ciclo de **afinidades** mencionados no período de 1982 a 1989 relatado anteriormente, fazem parte, no tempo presente, do Conselho Editorial da Revista Espaço e Cultura, publicação contínua do NEPEC.

O **ciclo das afinidades** é um dentre outros dos princípios básicos da metodologia historiográfica elaborados por Berdoulay (2003, p. 52), o princípio da **abordagem contextual** consiste “menos em examinar a possível influência de uma ideia do que em verificar as razões que estão por trás da demanda ou uso dessa ideia”.

Nesta abordagem contextual a vontade de estudar a dimensão espacial da religião, no doutorado, na USP e a criação do NEPEC, ao retornar a Geografia da UERJ, não era uma ideia nova ou inovadora, apenas uma ideia sustentada por um indivíduo em contexto interno, mas que no contexto externo, era uma contribuição criativa e inovadora.

É necessário dar informações dos diversos fatores que armazenados retratam o pensar da instituição UERJ, da época em que estão inseridas as atividades do NEPEC, e as reflexões geográficas externas ao Brasil nos grupos de estudos em geografia no espaço e tempo. Cosgrove (1998) diz que a geografia cultural possui uma abordagem cultural

relacionada com o tempo, o tempo flexível e não tão linear a qual estamos acostumados a reconhecer nos estudos acadêmicos.

A memória-história completa-se ao relatarmos os fatores externos existentes e superados nestes 20 anos. Os fatores externos podem ser colocados em dois pontos. O primeiro relacionado com a descontinuidade dos estudos da abordagem cultural no Brasil, notadamente, os estudos de religião, entre os geógrafos. Na USP, a tese de Maria Cecília França Intitulada – “Pequenos Centros Paulistas de Função Religiosa” –, data de 1972. Após 1972, inicia-se um hiato fortemente marcado pela ausência de análise do fenômeno religioso e sua espacialidade. Em 1994, quase vinte anos depois das reflexões de Maria Cecília França, surgiu outro estudo de doutorado, na USP, iniciada em 1989 e que culminou com a tese sobre Porto das Caixas, um centro de peregrinação do catolicismo popular na Baixada Fluminense da geógrafa Rosendahl. Uma clara visão do sagrado e sua lógica espacial na geografia cultural pós-80, no Brasil.

Esta descontinuidade que marca os estudos de religião no Brasil não ocorre em outros países, como, por exemplo, em pesquisas de geógrafos alemães. Esta ausência está registrada nas publicações de geógrafos brasileiros. Minhas reflexões, entretanto, são publicadas na Alemanha: “*Le pouvoir du sacré sur l'espace*” (ROSENDAHL, 1994) publicado no livro organizado pelo geógrafo alemão Büttner (1994) – “*Miteinander, Nebeneinander, Gigeneinander*”.

Tal publicação anterior a defesa de doutorado apresenta análise de dois pequenos centros de convergência religiosa na área rural do Brasil: Muquém em Goiás e Santa Cruz dos Milagres no Piauí. A publicação de um artigo e o aceite das ideias fora do Brasil. Aqui, os editores de periódicos recebiam com fortes tensões negativas ao novo. Já nas publicações organizadas por Manfred Büttner, na temática da religião, tem-se um livro específico e no volume 10, o que demonstra um tempo

bem maior dedicado à pesquisa. No Brasil a temática não aparece nas publicações nacionais e representa uma lacuna desconhecida pelo grupo acadêmico formador da barreira do não aceito. A superação foi alcançada já em 1998, por ocasião do 1ª Simpósio de Espaço e Cultura na UERJ. Este encontro foi um sucesso de ideias e de público. Imprimiu, sem dúvida, o caminho da geografia cultural no Brasil.

O segundo fator externo selecionado em nossa análise deve ser relacionado às “principais questões que envolvem uma sociedade, mesmo que algumas delas não pareçam, à primeira vista, ter influenciado a evolução de ideias geográficas” (BERDOULAY, 2003, p. 52) é necessário identificar, num estudo aprofundado a questão da negligência da religião numa sociedade em mudança, e não atribuir à negligência da temática ao poder e domínio de um pensar ciência em outra corrente na história do pensamento geográfico, isto é, refletir apenas em indagações vinculadas às três matrizes do pensar geografia que predominaram nas décadas de 1970 e 1980.

Tentar resgatar os motivos dessas indagações dos estudos da religião no Brasil colocando à força das três grandes matrizes do pensamento geográfico é justificável, mas não é simples (ROSENDAHL, 2002). Pelo relato acima, a religião como fenômeno cultural esteve presente na Instituição Alemã durante a influência das tais correntes do pensar geografia. Aqui se percebe a importância da memória institucional, no tempo, tanto na UERJ (Brasil), como em Bocheem (Bochum) Alemanha.

Havia uma resistência ao estudo da religião a despeito da heterogeneidade cultural do Brasil. A religião era citada nos estudos regionais e não analisada em sua espacialidade. A partir da década de 1980, a geografia da religião se desenvolve com estudos na geografia alemã, inglesa e francesa, conforme as publicações de Büttner (1985), Rinschede (1985), Bonnemaïson (1981), Claval (1991), Tanaka (1981), Sopher (1967).

Havia portas abertas à abordagem cultural em geografia. A pesquisa em religião foi apresentada na década de 80, por muito tempo permaneceu desconhecida dos programas de pós-graduação em geografia, no Brasil. O trabalho de Maria Cecília França e a biblioteca particular do Professor-orientador Heinz Dieter Heidemannam, da USP concentravam este conhecimento.

A barreira ao novo, aqui no país, ocorreu com polêmicas de não aceitação nas primeiras publicações intelectuais do NEPEC. Na fase de difusão das ideias, de pensar e fazer geografia cultural tal barreira transformou-se em convergência de pesquisadores envolvidos na temática. A intolerância era influenciada mais por desconhecimento das ideias do que o conteúdo apresentado em geografia cultural. A difusão ocorreu por: realizações de Simpósios, criação da Revista Espaço e Cultura, a série Textos pelo Nepec e a publicação da Coleção Geografia Cultural pela EdUERJ.

Tais estratégias de difusão das ideias continham como prioridade preencher a enorme lacuna, tanto na bibliografia dos estudos sobre cultura, como dos ensaios no campo da geografia.

Ao concluir, desejo ressaltar que nestes 26 anos de NEPEC acumulei uma lista de pessoas, companheiros, colaboradores, bolsistas, alunos e amigos. Oxalá a coragem e a dedicação dos doutorandos em estudos do fenômeno da religião e sua espacialidade perdurem por mais vinte anos no NEPEC e na UERJ. No lugar onde se pensam as ideias e se escrevem sobre elas. ☺

#### REFERÊNCIAS

- BERDOULAY, V. A abordagem Contextual. **Espaço e Cultura**, n. 16, p. 47-56, jul./dez., 2003.
- BONNEMAISON, J. Voyage autour du territoire. **L'Espace géographique**, n. 4, p. 249-262, 1981.

Os estudos da Geografia Cultural no Brasil: as reflexões pretéritas, o presente contínuo e suas perspectivas futuras  
Zeny Rosendahl

BÜTTNER, M. et al. Zur Geschichte und Systematik der Religionsgeographie. In: BÜTTNER, M. et al. **Geographia Religion um Interdisziplinäre Schriftenreihe**: Religions geographie – Band 2. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1985. p. 15-122.

CLAVAL, P. Le Thème de la religion dan les éhides geographies. **Geographie et Cultures.**, n. 2, p. 85-111, 1992.

CORRÊA, R. L.; ROSEND AHL, Z. A Geografia Cultural no Brasil. **Revista da ANPEGE** v. 2, n. 2, p. 97-102, 2005.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROZEND AHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HALBWACHS, M. **La Mémoire Collective**. Paris: P.U.F, 1950.

NORA, P. **Les Sieux de Mémoire**. Paris: Gallimard, 1984.

RINSCH EDE, G. Das Pilgerzentrum Lourdes. In: **Geographia Religionum**, Berlin: Dietrich Reimer Verlag, Band 1, 1985.

ROSEND AHL, Z. Le pouvoir du sacré sur l'espace. Essai d' analyse a partir de diuxpatits centres brésiliens de pèlerinage: Muquémet Santa

Cruz dos Milagres. In: BÜTTNER, M. **Miteinander, Nebeneinander Gegeneinander**. Bochum: Universitätsverlay Dr. N. Brockmeyer, 1994, p. 115-131.

ROSEND AHL, Z. **Espaço e Religião**: uma abordagem geográfica. 2. ed. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2002.

ROSEND AHL, Z. Os Caminhos da Construção Teórica. Ratificando e Exemplificando as Relações entre Espaço e Religião. In: CORREIA; Roberto L.; ROSEND HAL, Zeny. (Orgs.) **Geografia Cultural**: uma Antologia, v.2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

SOPHER, D. **Geography of Religions**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1967.

SORRE, Max. **Rencontres de lagéographie et lasociologie**. Paris. P.U.F., 1957.

TANAKA, H. The Evolution of Pilgrimage: as a spatial-symbolic system. **The Canadian Geographer**, v. 25, n. 2, p. 240-51, 1981

WILLIAMS, R. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

Submetido em Dezembro de 2019.

Aceito em Março de 2019.